ANO 6.º — Sexta-feira, 19 de Dezembro de 1913 — NUMERO 302

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(*)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A lura da toupeira

—=(*)=—

Abunda pelos nossos campos um animalsinho da familia dos insectivoros ou roedores, ácêrca do qual corre uma pitoresca lenda que para o caso não vem.

Este pequeno mamifero negro como a loba de um clerigo e roliço como a barriga de um abade, tem um profundo horror á luz, no que ainda se assemelha flagrantemente ao odiado reaccionário, cujo sustentaculo principal é o padre ou a sua mãe putativa, a Egreja.

Vive pois, constantemente escondido nas entranhas da terra, donde só sái quando as sombras da noite a tem envolvido no seu véu de mistério e de silencio, á hora soturna e duvidosa em que os mochos e os noitibros, soltam pelas torres e pelos cemitérios o pio tristonho e agoirento, como gemido de moribundo ferido á falsa fé numa encruzilhada só sáe do fundo da terra, protegido pela escuridão em que vegeta e pelo mistério em que vive.

Com o longo focinho rijo como ponta de alvião, as patas dianteiras espalmadas em fórma de verdadeiras pás, o singular animal, cuja força proporcional um curioso naturalista comparou já á de um elefante, escava, pica, avança, abrindo galerias subterraneas que se cruzam, que se cortam, que se contornam, como verdadeiros corredores de uma nova Menfis.

E não descança.

Na ancia de alargar os seus dominios, de gosar a impune existencia de parasita á custa do homem, o terrivel animal, escava mais, profunda, alarga; investe os obstaculos, ataca-os, contorna-os, revolve a terra, desce às suas profundêsas, abre poços enormes, cortaos de arterias, de atalhos, de ligações, de caminhos, retorna a supercie, arranca as plantas, derruba as divisões, crusa novas estradas, investe e arrasta e arruina e fére, adelgaçando dia a dia, hora a hora, momento a momento, o terreno que separa as galerias, as minas, da sua infernal habitação.

Por cima deste abismo, na superficie da terra, cantando descuidoso ao sol que lhe dá vida, o homem labuta, cobre de suôr a fronte honrada, levanta o lar onde aconchega a familia e descança das fadigas do trabalho.

Inconsciente do que se passa no seio da terra, desconhecedor desse trabalho de sapa que lhe abre um abismo debaixo dos pés e cujos progressos feitos na sombra, no escuro dessa eterna noite, ele não póde vêr, trabalha feliz e dorme socegado com a tranquila consciencia do justo que sabe que bem cumpriu os seus deveres e que bem merece, portanto, da sua Patria.

Mas o cataclismo não se faz esperar.

Um dia, quando na despreocupação do seu labor o homem, tranquilo o espirito e socegado o corpo, espéra o fruto do seu trabalho honrado e probo, as galerias da mina, abalam-se, desaprumam, desconjuntam-se, esbarrondam-se; atulham-se os poços, esmagam-se os pavimentos e ele vê faltar-lhe o terreno debaixo dos pés e precipitar-se no buraco que ainda ha pouco julgava o terreno firme onde assentava as plantas.

Ora este pequeno animal que tão mal faz, chama-se *toupeira* e ha muito que anda minando, sem que o pôvo o presinta e sem que o Estado queira vêl-o, o sólo querido da Patria que de um momento para o outro podemos vêr abater sem remedio debaixo dos proprios pés.

A toupeira da ambição como a toupeira dos campos, não descança na abertura das suas galerias, que ela sabe orientar á maravilha na noite da intriga e da calunia.

Por toda a parte sente-se ceder o sólo debaixo de nós, sente-se que lhe falta o apoio que a temivel toupeira lhe tirou ao escavar na sombro a lura que atulha com a polvora da calunia e da mentira.

Minado em todas as direcções em todos os campos, no da politica hoje como no reinado dos adeantamentos ha pouco, no das consciencias como sob o dominio dos confessores do padre Gonzaga e dos intriguistas das ante-camaras ministeriaes o sólo da Patria estremece aos empuchões da orda jesuitica e dos ambiciosos que procuram arrancar do cerebro obtuso osultimos planos da sua quimica de venenos, para acabar de atulhar todos os recantos da galeria diabolica que nos precipitará no abismo das suas garras se na imprevidencia dos generosos e dos fortes, lhe damos tempo de concluir a obra e deixâmos aluir o labirinto debaixo de nós.

A toupeira da reacção e da ambição trabalha debaixo dos nossos pés.

Não se vê, mas advinha-se.

Não se sente, mas presente-se.

Cautéla! que a lura da toupeira vae adeantada já.

Humberto Beça

"O DEMOCRATA,,

Na fórma dos anos anteriores não se publíca na semana do Natal este semanário, por ser destinada a pôr em ordem todos os serviços atrazados da administração.

Aos seus assinantes, anunciantes, colaboradores e amigos —sem esquecer os de longe—deseja a redacção do jornal festas felizes e um ano de fortuna sob a égide gloriosa da Republica.

Cadastro do Partido Republicano Portugvês

Para dar cumprimento aos n.os 1 e 2 do artigo 51.º da *Lei Organica*, convidam-se todos os cidadãos das freguezias da Gloria e Vera-Cruz que concordam com a politica deste partido, a irem inscrever os seus nomes no respectivo cadastro que até ao dia 25 do corrente se encontra no estabelecimento do sr. Bernardo Torres, aos Arcos.

PELA IMPRENSA

—(*)—

O **Portugal Moderno**, jornal que duas vezes por semana se publíca no Rio de Janeiro, E. U. do Brasil, sob a direção do sr. Luciano Fataça, acaba de entrar no seu XV ano de existencia.

Felicital-o só e por esse motivo é pouco, tanto mais que o *Portugal Moderno* não se impõe apenas por ser um dos principaes orgãos da colonia portuguêsa do Brazil, mas tambem por ter conquistado fóros de propagandista estrenuo dos principios republicanos, que sempre soube defender com isenção, patriotismo e lealdade.

Se as suas doutrinas e altivez com que tem pugnado pelos interesses de milhões de portuguêses em terras de Santa Cruz algum dia não foram devidamente reconhecidos, é porque degenerados ha que não sabem ou não querem compreender a missão da imprensa quando tem a guial-a espiritos de eleição como o de Luciano Fataça, cuja obra, atravez do jornal, nós temos seguido atentamente e com simpatia, tão fecundo achâmos o trabalho produzido em beneficio da Patria e da Republica.

Por tudo, pois, receba o nosso confrade de alem-mar sinséras felicitações do *Democrata* ao iniciar, com honra, o décimo quinto ano da sua publicação.

= Por egualmente ter atingido o quarto ano, cumprimentâmos o independente hebdomadário de Valença, **A Plebe,** onde a Republica tem encontrado tambem um dos seus melhores defensores.

Será verdade?

Dizem-nos que esteve ha dias nésta cidade o causidico Marques Loureiro, advogado na comarca de Vizeu, para onde foi após a sua estada em Almeida, e depois que a imprensa local registou não só o brilhantismo do seu talento como outras não menos brilhantes qualidades que concorrem na sua alambasada pessoa.

Parece que veiu tratar de obter a propriedade da interessante e riquissima obra dum seu coléga, aqui residente, e que ha mezes vem sendo publicada com manifesto engrandecimento da literatura, sob o sugestivo titulo de: *Cinco dias em auto á Serra da Estrela...*

A acquisição é, sem duvida, prometedora, pelo logar que á interessante obra é devido no mundo literario e cientifico...

Vergonhas

Por mais esforços que tenhamos empregado ainda não achámos quem nos explicasse a possibilidade... real de terem conquistado nas eleições paroquiaes um *colossal triunfo* os decantados evolucionistas—sem catolicos e monarquicos—quando esses mesmos evolucionistas, reunindo todos os seus elementos, leváram á urna na assembleia da Vera-Cruz 32 votos e na da Gloria 60, para a eleição camararia!

E agora? Contam na Vera-Cruz 174 e na Gloria 208!

São todos, todos evolucionistas puros!—exclamam os chefes...

Então onde estavam eles ha 15 dias, que não acudiram a fazer vingar a sua lista camarária?

Quem lhos deu?

Os camachistas? Não—porque nem estes se bandeavam com aqueles—essa justiça lhe fazemos—nem tambem mostraram o mais insignificante interesse no resultado da luta.

Quem elevou, pois, a votação de 32 a 174 e de 60 a 208?

Não o pódem negar, por maiores habilidades, por mais ginastica que empreguem.

Foi a frandolagem reaccionária de toda a especie; foi a velha escoria da talassaria de todos os tempos que amassou a lista catolica que o grupo evolucionista cobriu a verde e encarnado, rotulando-a, sem pejo, com alguns nomes que pertenceram a republicanos.

Uma autentica e verdadeira vergonha!

A "Gioconda,,

Sem duvida que o acontecimento mais notavel para a França nos ultimos dias foi o aparecimento do soberbo quadro de Leonardo de Vinci, em Florença, para onde tinha sido conduzido depois de palmado por Vicente Perugia do museu do Louvre em 21 de Agosto de 1911.

Foram dois anos e mezes de forçada ausencia que a preciosa téla têve do seu logar proprio, mas ainda aparecer é caso para se regosijarem os que verdadeiramente se empenhavam na sua descoberta não perdendo passada á procura da béla *Gioconda*.

E não era de carne e osso...

OS REALISTAS

A' volta da ultima conspiração monarquica

Como ela foi descoberta--Jaime Duarte Silva chefe do "comité,, do norte--Valiosos serviços dum agente--Entrada de Azevedo Coutinho em Portugal--Manobras várias

Vamos, finalmente, entrar no conhecimento da trama que os realistas preparavam com todas as cautélas para a mudança das instituições republicanas e na qual tinha um importante papel a desempenhar, o conhecido advogado nosso conterraneo, Jaime Duarte Silva, preso no Porto logo após a sofucação do movimento de 21 de Outubro, em Lisboa, como préviamente tivémos ensejo de noticiar.

No Congresso discutiu-se muito a atitude dum homem a quem se déve um altissimo serviço prestado á Republica, mas que a oposição evolucionista atacou fazendo côro com os monarquicos a quem êle fingiu servir com o manifesto intuito de lhe conhecer os planos. Esse homem é Homéro de Lencastre, que levou a sua dedicação ao regimen a ponto de se fazer conspirador tambem, arrostando com o perigo que dessa missão lhe poderia advir se porventura fosse descoberto ou dele tivéssem a mais léve desconfiança. De aí, dessa estranha quão inqualificavel furia das oposições contra esse verdadeiro e autentico patriota—porque não póde ser classificado doutra maneira Homéro de Lencastre—nasce o relato que vamos fazer do que já se sabe sobre o malogrado movimento realista embora para mais tarde fiquem os comentários que nos sugére a obra em que de novo andáva empenhado Jaime Duarte Silva.

Vejâmos, pois, os factos:

Num salão animatografico do Porto, o sr. Homero de Lencastre travou relações com alguns monarquicos e soube por êles que um novo projecto de conspiração andava no ar. Relacionado com o dentista Bento de Morais Sarmento—intermediario da correspondencia trocada entre os *comités* estrangeiros e o *comité* do Porto—em sua casa foi apresentado ao escrivão da Relação do Porto, Antonio Cesioso de Sá e Mélo, tendo reconhecido os dois a conveniencia de que êle fôsse apresentado ao advogado de Aveiro, Jaime Duarte Silva. O sr. Lencastre decidiu-se vir um dia a Aveiro, e, depois de alegar os seus serviços á causa, captou a confiança dêste advogado, que o pôz ao corrente do que havia. Em Lisboa funcionavam um *comité* civil e outro militar, autonomos mas entendidos. No Porto havia só um *comité* civil, de que era chefe supremo êle, Jaime Duarte Silva, que tinha uma credencial assinada pelo proprio punho do ex-rei D. Manuel. Os elementos no Porto estavam um tanto dispersos, convindo unil-os e disciplinál-os. Homero foi o encarregado déssa unificação, devendo Jaime Duarte Silva expedir ordens nêsse sentido. Homero ficaria sendo no Porto o representante de Jaime Duarte Silva.

Realisou-se esta conferencia em fins de março de 1913, e déla teve imediato conhecimento o sr. Caldeira Scevola, comissario de policia do Porto. Homero de Lencastre ficou homem de confiança de Jaime Duarte Silva, com quem depois realisou várias conferencias, tanto nésta cidade como no Porto, assistindo tambem outros conspiradores. Néssas conferencias percebeu o sr. Homero de Lencastre que os conspiradores miguelistas, que inculcavam como chefes o conego Correia da Silva e o general Jaime de Castro, procuravam trabalhar autonomamente, não se prestando ao trabalho de unificação de forças que se estava realisando.

Para justificar as suas relações com o sr. Caldeira Scevola, o sr. Homero de Lencastre explicou que, para poder trabalhar livremente, se fizéra carbonario. Jaime Duarte Silva e os demais conspiradores acharam excelente a ideia, riram-se da partida e entenderam que, daquéla maneira, o novo cooperador podia trabalhar á vontade.

Nésta altura soube que, em Viana do Castélo, um tal Rodrigues, proprietario do Bazar de Caçadores, era depositario clandestino de armamento. Transmitido o facto a Cecioso de Mélo, este aconselhou-o a que entrasse na posse das armas. Procurou para esse efeito o Rodrigues mas este negou-se a fazer a entrega sem autorisação do capitão Cerqueira ou do capitão Pimenta da Gama. Voltando ao Porto, Cecioso de Mélo deu-lhe um cartão do capitão Margarido para o capitão Gama, que se encontrava em Braga, em casa do visconde da Torre. De novo em Viana, o Rodrigues disse-lhe que as armas estavam muito deterioradas e convinha adquirir outras. Deu-lhe para isso uma carta de recomendação para o capitão Cerqueira que estava em Vigo. Com éssa carta foi o sr. Homero de Lencastre a Vigo onde no Hotel Continental se apresentou ao capitão Cerqueira, que ali tinha o apelido de Almeida, travando relações tambem com o reitor de Caminha, Aparicio de Miranda, Faria Machado, os Azevedos, de Fafe, o dr. Amaral, de Guimarães, etc. O reitor de Caminha encarregou-o de várias missões no Porto. Apresentar-se-ia com uma senha a Achiles Monteiro, que lhe entregaria 100 pistolas. Para Sá e Mélo trouxe recado que o mandaria ter com José de Sousa Ferreira de Queiroz, do Banco de Portugal, devendo este falar com o abade de Parafita, detentor de armamento. Achiles Monteiro tambem apresentaria o sr. Lencastre na casa de hospedes da rua do Calvario, 69, para receber 15 pistolas. Ele, Lencastre, tambem se entenderia com um empregado da casa Valente Perfeito, chefe de um grupo de 100 homens, e, da parte ainda do reitor de Caminha, diria ao dr. Oliveira e Lima que os *comités* de Braga e Viana se achavam bem organisados. Este respondeu-lhe que estava inteirado de tudo, por ter relações directas com o *comité* de Braga.

Depois de desempenhar tais missões, o sr. Lencastre veio falar com Jaime Duarte Silva, que o encarregou de ir registar a Vigo um relatorio dirigido ao dr. Luís de Magalhães, apresentando-o antes, no Porto, ao dr. Oliveira e Lima para este o lêr e assinar em cifra combinada. Esse relatorio foi apresentado ao sr. Caldeira Scevola, que dêle tirou copia, e seguiu o seu destino. Voltou novamente o sr. Lencastre a Aveiro, e Jaime Duarte Silva, contentissimo por vêr a facilidade com que êle atravessava a fronteira, pediu-lhe para o acompanhar até Fuentes de Oñoro, para se dirigir a Paris e assentar definitivamente com o *comité* estrangeiro a organisação revolucionaria.

Assim sucedeu.

O sr. Homero de Lencastre acompanhou-o até Fuentes de Oñoro, e no regresso esperou-o em Salamanca, acompanhando-o até á Pampilhosa. Voltou ao Porto e na estação aguardava-o o sr. Cecioso de Mélo para lhe dar uma grande nova: —chegára dinheiro de Londres! Era preciso, agora, trabalhar mais do que nunca. Era preciso comprar armas.

Fizéram-se, com efeito, as primeiras encomendas de armamento em Espanha. Para êsse fim, levou o sr. Lencastre á Galiza um cheque de cêrca de seis contos, que entregou ao conde de Azevedo, a fim de se pagar uma encomenda feita pelo reitor de Caminha. O conde de Azevedo passou recibo, que foi visto pelo sr. Caldeira Scevola e por sua ordem fotografado. Nésta altura já o sr. Homero de Lencastre, sempre entendido com o sr. Scevola, aprendera o mister de *chauffeur*, tirando a respectiva carta. Cecioso de Mélo comprou um *auto* na *garage* da firma Magalhães & Moniz, registando-o em nome dêle e entregando-lho para o utilisar em todos os trabalhos de conspiração. Um dos primeiros serviços que o sr. Lencastre fez nêsse carro, o n.º 739, foi uma viagem a Vizeu, em que Jaime Duarte Silva estava, desde muito, empenhado. Entre 16 e 21 de agosto, o sr. Lencastre foi a Valença buscar o armamento encomendado pelo prior de Caminha, e que

guardou numa casa de Matosinhos.

Ao tempo já o dr. Jaime Silva o encarregára de ir levar a Lisboa uma carta cifrada para Constancio Roque da Costa. Este teve vários desabafos, deu conta de vários detalhes, encarregando o sr. Homero de dizer a Oliveira Lima que tivésse mais moderação nos seus exageros epistolares, porquê podia provocar suspeitas tanta correspondencia. Em agosto, Homero volta á Galiza, a entregar mais dinheiao para armas, da parte de Cecioso de Mélo. Depois foi de novo a Lisboa, para combinar com este a maneira de ali ir depositando o armamento destinado ao sul. E a seguir lá introduziu 48 pistolas automaticas, acompanhado dos agentes de policia Lopes Vieira, Costa, Belmiro Vidal e cabo Bernardino Lopes. Por instruções de Constancio, entregou éssas pistolas a Diogo Sousa Peres, morador na rua Sabino de Sousa, M. H. P. Este mestre de obras é aquêle que na tarde de 20 de outubro foi preso por ter ido receber outras pistolas e que na madrugada de 21 fugiu da esquadra do Caminho Novo.

Quando o sr. Lencastre estava em sua casa mostrou-lhe uma soberba pistola Mauser, dizendo que era aquéla com que havia de matar o sr. presidente do ministério, se s. ex.ª escapasse de um atentado que alguns sindicalistas deviam levar a efeito. Para êsse fim já tinha estado na Praia das Maçãs a estudar o terreno.

Entregues as 48 pistolas, o sr. Homero de Lencastre, acompanhado dos mencionados agentes, voltou a Lisboa com mais 36, que fôram recebidas por Victor Claro, morador na rua das Chagas, 17, 5.º, D. No dia seguinte voltou com outras 36, sendo esperado pelo mesmo Victor Claro e pelo dr. Lobo de Avila Lima, e ainda todos para o escritorio dêste, na rua Augusta, 166, 1.º, onde as armas ficaram. Terceira remessa de 36 pistolas foi levar ainda, seguindo com parte délas e Lobo de Avila para o escritorio da firma Tayllar & C.ª, enquanto a outra parte seguia para a Rua das Chagas, acompanhando Victor Claro o cabo Bernardino Lopes e o agente 617, Mota. E' claro que estes agentes desempenhavam o mesmo papel que Homero: eram seus homens de confiança e, como êle, conspiradores...

Em várias missões, foi o sr. Lencastre depois algumas vezes á Galiza, onde soube que várias armas haviam entrado em Portugal, por outras vias. Ali soube tambem que o abade Coutinho dispunha de um grupo de homens resolvidos a matar certas entidades dedicadas á Republica, como o proprio sr. Caldeira Scevola. Um dêles era o *Marujinho*, que no rio Minho assassinou um português que se lhe tornou suspeito. Esses sicarios devam ser recolhidos em S. Mamede da Infesta, na quinta do Alão, do sr. Antonio de Albuquerque, e alguns chegaram a entrar em Portugal. Jaime Silva, desesperado, insistia que era a hora de agir, e classificava de traidores os miguelistas. Era a hora de agir, levantando a guarnição de Amarante e Penafiel e caindo de surpresa sobre o Porto onde seriam tomadas por civis armados as baterias do Pilar. Era preciso vir o armamento que faltava; era necessario que viéssem tambem os 12 scelerados, e, sobretudo, era mister que Azevedo Coutinho entrasse no país. E Jaime Silva indicava a noite de 30 de setembro para este entrar. Homero de Lencastre foi a Vigo e apresentou a Azevedo Coutinho a carta de Jaime Duarte Silva em que assim falava e mais algumas instruções verbais. Azevedo Coutinho, em Vigo conhecido por Fragoso, não se mostrou entusiasmado com os trabalhos existentes e manifestou a resolução de voltar a Paris.

Jaime Duarte Silva, informado do sucedido, pede ao sr. Lencastre para voltar a Vigo e convencer Azevedo Coutinho, custasse o que custasse. E o sr. Lencastre lá volta, levando 1:000 escudos que entregou a Azevedo Coutinho para as despesas da viagem. Mas Azevedo Coutinho não se convence e segue para Paris. Em 9 de outubro, o sr. Lencastre é mandado a Lanhelas, de automovel, para receber mais armamento e vai acompanhado pelos agentes Vieira, Costa e Vidal. Ali é surpreendido com a presença de Azevedo Coutinho, reitor de Caminha e Aparicio de Miranda, que se preparavam para desembarcar no Porto. Jaime Duarte Silva, com telegramas enviados para Paris, conseguira que Azevedo Coutinho regressasse. Nas proximidades de Ancora, uma *panne* inutilisou o *auto*. Dois dos agentes ficaram de guarda ao carro, que no dia seguinte devia sofrer reparações. O sr. Lencastre, o agente Costa, Azevedo Coutinho, o reitor de Caminha e Aparicio tomaram um *char-à-banc*, que os conduziu a Viana, onde se alojaram no Hotel Central e onde o dono do hotel arranjou outro automovel. Nêste carro viéram para a quinta de Antonio de Albuquerque, em S. Mamede da Infesta. O sr. Lencastre foi prevenir Jaime Silva ao Hotel Universal da chegada e depois levou-o ali.

Voltando ás 4 horas, encontrou no jardim, em conferencia, Azevedo Coutinho, Jaime Silva, reitor de Caminha, Aparicio de Miranda, o cadete Rebelo, Antonio de Albuquerque, a esposa e o sogro. Após troca de algumas palavras, saiu num *coupé* com Azevedo Coutinho, Jaime Silva e Albuquerque, dirigindo-se, todos, para a rua da Alegria, n.º 927, onde Coutinho ficou. No *rapido* da tarde, voltou o sr. Lencastre para o Porto, por ordem de Jaime Silva, para combinar a entrada de Coutinho em Lisboa. Constancio determinou que tomassem os dois, Coutinho e Lencastre, no comboio correio, um *coupé-cama* de dois lugares, de onde sairiam em Vila Franca. Aí estaria Lobo de Avila com um automovel. Levou estas indicações a Jaime Duarte Silva e foram juntos avisar Azevedo Coutinho á rua da Alegria. Ali encontrou o dentista Bento de Moraes Sarmento, primo de Jaime Silva, combinando com Coutinho o transporte das suas bagagens. Coutinho conversava e ensaiava ao mesmo tempo atitudes heroicas com a sua farda reluzente de condecorações.

Para acompanhar Azevedo Coutinho a Lisboa, o sr. Homéro de Lencastre esperou-o em um automovel na rua de S. Jeronimo, vindo os dois tomar o comboio á estação das Devezas. Seguiu tambem, numa carruagem de 1.ª classe, com as malas de Azevedo Coutinho, Abel dos Santos Ferreira, que envergou a sobrecasaca agaloada de Azevedo Coutinho e vestiu por cima um sobretudo para aquela não levantar suspeitas quando as malas se abrissem. Durante a viagem, Coutinho mostrou-se pouco animado, dizendo que Jaime Duarte Silva não lhe apresentára cértos oficiaes, como prometera. Veria o que havia em Lisboa, e, se tivésse a mesma impressão que no Porto, voltaria para Vigo. Mas, mesmo que as coisas na capital estivéssem bem, a sua cooperação dependia de um compromisso tomado pelos chefes—o assassinio do dr. Afonso Costa e do ministro da guerra.

Em Vila Franca, apareceu aos viajantes, na *gare*, o dr. Lobo de Avila Lima, acompanhado de um desconhecido. Abel Ferreira seguiu para Lisboa, hospedando-se, como de costume, no hotel Americano com o nome de Albuquerque. Em Vila Franca, tomaram um automovel, que em Alhandra parou, entrando um individuo que disse ser o proprietario do carro, acompanhado de uma *cocotte*. Azevedo Coutinho trazia uma barba postiça, que ele dizia ter sido fornecida pelo cabeleireiro da Opera de Paris. No caminho, a barba caíu, e, com grande risota da *cocotte*, Coutinho teve de pincelar de novo o queixo com verniz para ajustar a postiça barba. Chegados a Lisboa, nas alturas do Rato, recolheu-se a *cocotte* e o automovel foi para a rua Castilho porta n.º 12. No 2.º andar, residencia de Nobrega de Lima, entraram Azevedo Coutinho, Lobo de Avila e Lencastre, sendo Lobo primeiro e este depois, para mandar um telegrama a Jaime Silva. A seguir, o agente procurou Constancio Roque da Costa para saber da bagagem de Coutinho. Constancio, que não sabia nada, apareceu-lhe depois no Leão de Ouro, dizendo-lhe que Moreira de Almeida o avisára de que recebera as chaves das mãos de Abel e as entregára ao filho. O sr. Lencastre recebeu depois as chaves, foi despachar as malas, e dirigiu-se á rua Castilho onde almoçou com Nobrega e Azevedo Coutinho. A' sobremesa apareceu Constancio, a quem Coutinho exigiu a comparencia do coronel Bessa, Seabra de Lacerda, Jaime de Castro e Moreira de Almeida. Constancio prometeu procurá-los, e informou que em Lisboa tudo estava magnifico. Quanto ao presidente do ministério, estivésse descansado: alguem se encarregaria dele. A' tarde apareceram o coronel Bessa e Lobo de Avila. Nessa noite, Azevedo Coutinho, depois de fazer as suas orações, recolheuse a um aposento precedido de uma ante-camara, onde o sr. Lencastre se deitou numa *chaise-longue*. No dia seguinte, a conselho de Lobo de Avila, Coutinho mudou-se para a rua das Chagas, 17, 5.º D.

Ao outro dia, o sr. Lencastre veio para o Porto, mas Jaime Silva fê-o parar aqui, em Aveiro, onde, radiante, o felicitou pelo exito da sua obra. *El-rei havia de premiá-o pelos seus altos serviços... Tinha já na côrte um lugar indicado...*

Jaime Duarte Silva encarrega-o de várias missões, uma das quaes era receber o conde de Mangualde em Lanhelas. Baldadamente aí foi várias vezes, até que aquele apareceu em 16 de outubro, acompanhado pelo ajudante Pedro Valadas. O conde foi para a quinta de Antonio de Albuquerque, onde entrára mais armamento. Constando que manuelistas e miguelistas haviam feito um acôrdo, o agente Lencastre foi de novo a Lisboa para saber o que havia. Ignorando onde então estaria Coutinho, procurou informar-se por Moreira de Almeida. Este felicitou-o muito tambem pelos seus bons serviços, confirmou estar assente a sua nomeação para um cargo de confiança do rei, mas não pôde dar a informação desejada. Avila Lima devia tratar naquele momento de arranjar uma nova residencia a Coutinho. Encontrou Avila e este disse-lhe que Coutinho estava alojado na quinta do Monteiro Milhões, ás Laranjeiras, onde o acompanharia no dia seguinte. Mas neste dia Avila disse-lhe que a visita ás Laranjeiras ficava adiada. O agente Lencastre queixou-se disto a Moreira de Almeida, e, em viatude desta queixa, o Avila procurou o agente no hotel para o levar á rua Caetano Palha, n.º 10. Coutinho recebe-o de braços abertos, carregado de armas: á cintura uma pistola *Parabellum*; no sobretudo uma grande *Browning*; na algibeira das calças outra pistola; no bolso do casaco um ferro em fórma de estilete. Pediu noticias do Porto e mostrou-se mais satisfeito com a organisação de Lisboa que com a do Porto. Confessou que era verdade a aliança dos miguelistas com os manuelistas, atribuindo-a aos bons oficios do conego Correia e do general Jaime de Castro. Tudo para bem. Contava até com um grupo de 400 homens, composto na sua maioria de ex-praças da armada e ex guardas municipaes, que, fardados de marinheiros, atacariam, sob o seu comando, o respectivo quartel. Todavia, o dia e hora do movimento só se resolveriam no dia seguinte numa conferencia com o coronel Beça, que não aparecia havia 4 dias. Deu os nomes de vários oficiaes, e disse que era preciso que ele, Lencastre, estivésse na ocasião da conferencia. Se continuassem as hesitações e os adiamentos, não prescindia dele para retomar a fronteira.

No dia seguinte, 20 de outubro, voltou o agente Lencastre a procurar Coutinho. Este estava desanimado, aborrecido. Queixou-se de todos os chefes, e em especial do coronel Beça, que mais uma vez faltára, marcando nova entrevista para as 20 horas. Pela ultima vez esperaria. Entretanto, o sr. Lencastre ouviu num café falar insistentemente de um movimento monarquico que re'entaria naquela noite. Procurou Coutinho ás 18 horas e encontrou-o calmo. Recebeu dele um cheque de 200$ para apresentar a Moreira de Almeida e este receber do tesoureiro do *comité*. Não encontrou Moreira de Almeida nem no *Dia* nem em casa, onde deixou o cheque com uma carta. Procurou Lobo de Avila, que lhe entregou os 200$ e depois foi á rua Caetano Palha. Azevedo Coutinho não estava. Percebeu que Avila Lima procurava fazer-lhe perder a pista do oficial de marinha. Haviam-se levantado as suspeitas da sua acção junto do movimento, por motivos que é inutil explicar agora. Neste momento supremo, o agente sr. Homéro de Lencastre não pôde, com efeito, encontrar Azevedo Coutinho. Dirigiu-se de novo a casa de Moreira de Almeida. Embargou-lhe o passo a mulher do porteiro, que o informou da saida precipitada daquele para o Estoril com a familia. Informou logo o govêrno do que se passava, foi procurar Coutinho, baldadamente, numa casa da rua do Arco, e ás 8 e 30 de 21 veio para o Porto. Em 22, estando no Café Internacional, foi informado, por um agente do sitio, onde estavam Mangualde e o seu ajudante, que, acompanhado por outros agentes policiaes, não haviam ido a Braga no intuito de tomar parte no movimento que ali se esperava. No dia seguinte, após factos já conhecidos, os dois eram presos.

Eis, resumidamente, o que já está apurado do movimento de 21 de outubro em que, como se vê, tomou parte activa aquele advogado da rua do Sol que cértos republicanos tinham a pretenção de fazer atrair ao partido democratico.

Para bem desempenhar o seu papel, tinha, Homéro de Lencastre, como os conspiradores autenticos, os seus pseudonimos. Ele usava o de *Carter*, *Lentilhas*, *Virgilio* e *Castro*. O capitão Sequeira: *Almeida* e *Carmen de Barros*. O conde de Azevedo: *E. Gonzales*. O reitor de Caminha: *Consuelo* e *M. Martinês*. Azevedo Coutinho: *Antonio Fragoso* e *Mr. Delagard*. Jaime Duarte Silva: *De Bavière* e *Santellas*. Abel Ferreira: *Albuquerque* e *Francinoni*. Aparicio de Miranda: *Antonio Marques*. Dr. Abreu: *dr. Martins*.

Eleições paroquiaes

A lista... catolica

Nas palavras com que no nosso ultimo numero referimos o que se concertava de indecororo e repelente, entre quantos constituem as diversas camarilhas politicas que por aí espreitam o momento azado de satisfazer os seus odios politicos e pessoaes, não atingiamos ainda a baixêsa de quanto a realisação dos factos propriamente se encarregaram de evidenciar.

Escrevemos então: *Num conluio verdadeiramente repugnante e baixo, acordam por aí todos os elementos jesuiticos e monarquicos na luta que depois de ámanhã pretendem travar contra a lista republicana para as eleições das juntas de paroquia.*

Assim era rigorosamente exato e tambem assim vimos fraternisar na mais asquerosa premiscuidade e cinico interesse com elementos de toda a ordem homens que ao nosso lado lutaram pelo Ideal que hoje redime a Patria portuguêsa, para, tres anos após, em tamanho triunfo se macomunarem com os ferrenhos e traiçoeiros inimigos de então e ainda hoje, sómente porque deles vinha a alguns o auxilio para uma vitória que além de efemera, trazia consigo o vilipendio e a traição, a vergonha e o vaidoso interesse pessoal na condução das suas pessoas a elevada e invejavel categoria de membros. . da junta de paroquia!

E em troca de tão simples e pequenina recompensa; de tão miserá e baixa satisfação de vaidades pessoaes e politicas, não houve a mais leve vacilação, não acudiu ao coração déssa gente um estremecimento que sempre antecede a prática dum acto indigno e traiçoeiro nem, a esses cerebros alucinados, a natural vacilação que sempre acomete alguem na prespectiva dum crime!

Nada, nada susteve o empenho á outrance feito dos que, como vandalos ensandecidos pela vertigem da destruição e do crime, sepultaram barbaramente a fidelidade dos seus sentimentos democraticos, atirando para a cloaca imunda dum pavoroso indiferentismo a sublime pureza do Ideal de outr'ora—o amor ao evangelho republicano que foi o nosso guia, a luz redentora que nos levou até á madrugada toda esplendor e brilho, de 5 de Outubro!

E esses homens que comnosco trocaram na via publica abraços de fraternidade e de paz; que comnosco déram o grandioso exemplo da cordura e do perdão, espontaneamente de nós se desligaram indo com as suas pessoas e apoio para os que, cedo, entenderam que deviam deixar o velho e honrado partido republicano por julgarem que dentro déle não cabeiam as suas grandêsas de chefes, os seus programas de onipotentes!

Se tal facto, porém, já nos molestava, ele dava-se, todavía, muito dentro da esféra dos principios que professavamos, sem outra consequencia mais do que a gràve inconveniencia de enfraquecer a coesão absolutamente indispensavel a opôr ás investidas dos inimigos da Republica, que numa persistencia digna de melhor causa, lutam pelo aniquilamento do regimen.

Hoje, porém, o caso é na triste e inqualificavel evidencia da sua consumação mais que bastante para que possamos apontar esses poucos homens como desorientados republicanos, talvez algo responsaveis por tudo quanto possa afectar a segurança e defêsa das instituições atuaes.

Não se apresentaram, ou poucos ou muitos, integrados em exclusivo no seu programa bom ou mau—exequivel ou inexequixel—cobertos pela bandeira verde-rubra.

Ganhavam ou perdiam, em qualquer dos casos com honra e com prestigio do Ideal republicano, representado exclusivamente na facção politica que significavam.

Não. Eles viéram exibir-se na miscelanea mais imoral, indigna, anti-politica e essencialmente dissolvente; viéram exibir-se numa lastimavel confusão claramente indicadôra da completa ausencia de todos os sentimentos que só não envergonham quem os possue eguaes.

Franquistas trasbordando odios; velhos *caciques* da monarquia de todas as cambiantes da velha politica; ferrenhos e perigosos jesuitas descalços e calçados, de casaco e de batina, odiando sem outras razões mais que a obediencia aos seus principios, qualquer manifestação do progresso e da humanidade, todos esses elementos agregados aos que se dizem republicanos... evolucionistas viéram em fraterna camaradagem vencer a lista republicana-democratica, que ficou vencida por aquela que els denominaram, como interpretando a verdadeira significação do hibrido pacto — *A catolica!*

Ao incauto e inculto eleitor, a quem a *catolica* lista era, a uns imposta, a outros transmitidos os respectivos resultados milagrosos, foram feitas as mais indignas afirmativas, as mais refalsadas promessas.

O triunfo da lista *catolica-evolucionista*, traria a imediata realisação dos prestitos religiosos—que seria o prenuncio da derogação absoluta e completa das determinações da Lei da Separação.

Teriam aí a rica procissão de Cinza, os belos andores suportando as sedutoras imagens das estonteadoras santinhas; o alambazadissimo S. Cristovam percorrendo as ruas da cidade com o cadenciado passo do João do Padre, espontaneo e devoto passeador do tradicional santo, a pinto por carrego; os dois senhores dos Passos um... á compita com o outro numa furia milagreira de alto lá com ela, etc., etc.

E como complemento de toda esta bemaventurança que traria o triunfo da lista *catolica-evolucionista*, seriam metidos na cadeia todos os membros da junta de paroquia da Vera-Cruz, *um punhado de facinoras e herejes*, que, *não contentes em venderem e embolsarem o produto dos pecaminosos leilões de pedra e taboas da egreja paroquial em construcção*, multaram o serafico e adoravel sacrista da mesma freguezia porque, conforme o costume antigo, repicou, até ao martirio, o carrilhão ensurdecedor da egreja de S. Gonçalo, sem querer saber da lei moderna!

Sem duvida eram tentadoras as vantagens que o triunfo da tal lista trazia a todos quantos, mais ou menos, sentem no intimo o grande amor a esta religião de vinganças e procissões de santos e de odios!

E é assim, anchos e arrogantes, fazendo gala em tamanha miséria, que os evolucionistas a si, ás suas proprias forças partidarias, arrogam a perda da nossa lista!

Vão bem por esse caminho...

Em troca da entrada de alguns dos adeptos do evolucionismo nas juntas de paroquia, esse partido, que para obter tão insignificante triunfo, abdicou dos seus principios da fórma mais vergonhosa e indigna, desmereceu, por absoluto, do conceito em que poderia ser tido entre quantos acima de tudo colocam a integridade das suas convicções e a purêsa do seu Ideal.

Pois aonde foi buscar a sua força de agora? Não seria áquelas que déram sempre provas da sua carolice, do seu anti-republicanismo?

Bem mais alevantada e digna a atitude limpa e séria do Partido Republicano Português, batendo-se pelo seu programa, rodeando a mesma bandeira, aquela que, já antes do triunfo da revolução, drapejava sobre a nossa cabeça, evidenciando a sua existencia pela propria coesão dos indispensaveis esforços para atingir o fim que se propunha.

Vencesse ou perdesse—o triunfo ou a derrota era para a lista verdadeiramente republicana, sem confecções indignas e vergonhosas.

Não cantariamos vitórias que os outros... nos déssem.

Ha derrotas que nobilitam e que engrandecem; triunfos que deslustram e desonram.

O do evolucionismo... catolico está, desgraçadamente, neste ultimo caso e desta infamante situação não sáe por mais voltas que lhe dêem, por mais enigmas que pretendam explicar!...

No governo civil de Aveiro

O caso da falsificação de passaportes deve ser devidamente punido para honra das instituições republicanas

RESPONSABILIDADES A QUEM TOCA

A atmosféra de suspeição que de ha muito cérca a primeira repartição do Estado no distrito de Aveiro, tem de acabar.

Muito se tem dito e continua a dizer; muito se tem escrito e continua a escrever de grâve, de comprometedor, de vexatorio.

Pois bem: é agora ocasião de moralisar, de sanear o govêrno civil de Aveiro, mesmo para honra dos empregados honéstos que ali teem encanecido e que não pódem nem devem estar sugeitos a que o publico ponha em duvida a sua probidade.

De todos os lados surgem acusações, queixas, narrativas de factos que teem de ser averiguados convenientemente. O *Povo de Cambra*, por exemplo, jornal que se publica em Macieira de Cambra, sae-se num dos seus ultimos numeros com um artigo que não póde de fórma alguma passar-nos despercebido tanto mais que ainda não ha muitos mezes fomos dos poucos jornaes que reclamaram a atenção das instancias superiores para o que se afirmava e relatava na imprensa de Lisboa sobre determinados casos que se vinham dando em Aveiro atribuidos a empregados do govêrno civil.

Desse relato, dessa especie de campanha tendente a acabar de vez com abusos que, era voz geral, se vinham praticando, nasceu uma sindicancia que nada apurou em Aveiro, mas que, estendida aos vários concelhos do distrito, deu em resultado ter sido suspenso das suas funções o secretário da administração de Macieira de Cambra, de quem, todavia, sempre ouvimos fazer as melhores referencias. E porquê? Por ter prevaricado? Vejâmos o *Povo de Cambra* que êle nos explica alguma coisa:

Os jornaes do Porto, Lisboa e Aveiro referiram ultimamente as grâves irregularidades praticadas no govêrno civil de Aveiro, de que tambemnos fizémos éco no nosso ultimo numero.

Se bem que não nos surpreendessem as noticias, porque já sabiamos que irregularidades se cometiam naquêle govêrno civil, ficámos anciosos porque se enumerassem e nomeassem as irregularidades encontradas. E tanto maior era a nossa ancia, quanto é cérto que havia demasiada razão para ancia haver. Em virtude de um inquerito a que sobre este serviço neste distrito se procedeu foi suspenso o secretario da administração deste concelho, e mal nos impressionou que tal inquerito especialmente feito ao govêrno civil désse provas das acusações que fez um continuo da mesma repartição ao aludido funccionário e a um seu coléga e não tivésse dado resultado a prova evidente e irrefragavel de que o acusador era um réu, e como tal devia ser desde logo, pelo menos, egualmente punido, se bem que de peior naturêsa fossem as irregularidades cometidas. Déssa má impressão surgiram dois ou tres artigos nossos epigrafados—*Sindicancia*, em que estranhando as consequencias desse inquerito, estranhavamos tambem que não tivésse sido publicádo o relatorio da sindicancia e pediâmos que se procedesse a novo inquerito desta vez sómente ao govêrno civil e inquirindo os secretarios de todas as administrações do distrito e os administradores da Republica que ainda houvésse possibilidade de inquirir. Miravamos a provar que no govêrno civil se praticavam irregularidades e que dessa prática, com o fim de cobrar emolumentos legaes ou ilegaes e por conseguinte, na ganancia, tinha origem a lucta por aquela repartição iniciada e mantida com as administrações do concelho, que ha muito tempo eram enxovalhadas pelas suspeitas que se lançavam sobre os chefes e secretarios destas repartições. Nós desejavamos emfim que a questão fosse posta no seu verdadeiro pé, e que se tomassem as responsabilidades a quem elas cabiam. Contra o secretario desta administração quiz-se apurar que ilegalmente exercia a agencia de emigração, e provaram-no os empregados do govêrno civil de Aveiro que o acusaram! Agora queriamos provar que o maior crime—o de agencia de emigração ilegal—se cometia naquela repartição, nascendo a acusação contra aquele da ganancia dos empregados que o supunham, embora erradamente, oficial do mesmo oficio. Não; garantimos isso. O secretario desta administração nunca promoveu ou favoreceu a emigração; nunca recrutou gente para saír do país e nunca requereu ou solicitou passaportes ou mesmo para qualquer efeito se dirigiu a emigrantes com o fim de os angariar. Tratava dos documentos no uso das suas atribuições e remetia-os para o govêrno civil, oficialmente, ou por mão dos proprios, de harmonia com instruções que houvesse recebido daquéla repartição. Na organisação dos processos podia haver irregularidades, mas seriam involuntarias; mas, se as houve e élas foram aceites no govêrno civil, a este desde esse momento cabe a responsabilidade maior de as ter sancionado. Se o procésso estava deficiente ou irregular devolvia-se á administração, indicando-se e ordenando-se o que se havia de fazer.

Mas não se fazia assim. Tratava-se de desacreditar as administrações, de acusar os respectivos empregados e emfim de desviar para lá a corrente dos emigrantes que preferisse organisar o procésso na administração; queriam que fosse obrigatoria a justificação de identidade no govêrno civil, ou seja que não se fizésse na administração nenhum serviço relativo a passaportes. Na defêsa legitima dos seus interesses, por sua vez, os empregados das administrações puniam pelos seus direitos e explicavam ao publico a lei de 25 de abril de 1907 que regula o assunto e que favorece o emigrante, concedendo-lhe que na administração do concelho da sua naturalidade ou da sua residencia, ha mais dum ano, abonasse a identidade.

Por tal procedimento arreganhavam os dentes os empregados do govêrno civil, que, para levarem a agua ao seu moinho, acusavam os empregados das administrações da falta de escrupulo na organisação dos procéssos, não lhes tendo poupado a arrelia de terem convencido alguns governadores civis de que realmente nas administrações não se procedia escrupulosamente neste serviço. Convenceram inclusivamente o sr. ministro do Interior, que revogou, com esse fundamento, a portaria de 18 de setembro de 1912, que tinha ordenado que os passaportes fossem solicitados por intermedio das administrações e por estas entregues aos impetrantes.

Convenceram e até hoje conseguiram tudo. A eles se deve a suspensão do secretario da administração contra quem foram testemunhas num procésso fiscal que lhe moveram por exercicio de agencia de emigração, sem licença. Atendam bem os leitores: agencia de emigração. Eles são acusados de exercicio de agencia de emigração ilegal ou clandestina! Para provarem ao secretario o exercicio de tal agencia juraram que os emigrantes tinham declarado que eles lhes arranjára todos os documentos, etc., etc., asserção que se desfez com um atestado do governador civil que dizia que os procéssos referentes aos taes emigrantes tinham sido enviados oficialmente não constando qual o agente que neles interviésse. A afirmação era realmente falsa porque, sendo o passaporte concedido sómente em Aveiro, e não indo áquela cidade o secretario desde a posse do governador civil Albano Coutinho, não podiá ter sido o agente desses passaportes que os proprios interpretaram, tendo sido os documentos respectivos enviados oficialmente pelo correio. Nunca, de facto, o secretario requereu passaportes, nem o simples requerimento a pedil-os ele fez senão depois que a autoridade no assunto disse que podia fazel-os estabelecido na mesma base em que se fincava o govêrno civil, que os fazia com o conhecimento do governador civil e até das repartições superiores do ministério do Interior. Por sinal, a nosso vêr, esse requerimento era dispensavel porque a impetração pessoal não o exige. Impetração pessoal quer dizer que o proprio o pede. No caso de ser legal o requerimento deveria a lei dizer que os passaportes deviam ser impetrados pelos interessados por intermedio de requerimento, embora este fosse apresentado directamente por eles. Apesar do secretario fazer o que sempre fez, sem reparos de ninguem e o que tem sempre feito as administrações do concelho, sem prejudicar a lei nem o publico, a atitude hostil recrudesceu nos ultimos tempos e os superiores desse funccionario, convencidos á força de argumentos dos seus imediatos subordinados, começaram a vêr no secretario o mau funccionario, o funccionario patife, um facinora, um exportador de carne humana. Dissabores inumeros e profundos lhe tem causado, pelas suas consequencias, essa atitude; dias de desasocego, noites inteiras sem dormir passou esse funccionario que, acima dos seus interesses, presa a sua honra. Eles até a honra lhe atacaram: suspeitaram que êle falsificasse assinaturas de testemunhas nos procéssos de passaportes, garantiam que se cobravam emolumentos exorbitantes, criaram sobre as administrações uma atmostéra medonha que acabava por as asfixiar... se a Providencia não viésse pôr a claro as causas da guerra e as consequencias do seu triunfo:—no govêrno civil uma agencia de emigração clandestina!!

A *Montanha* escreveu sobre o caso uma local epigrafada—*Grande fraude*—e atribue-lhe uma importancia extraordinaria. Realmente.

Isto é um caso grâve que não se sana com a aplicação duma multa. E' uma fraude, é um negocio exquisito e tanto mais exquisito quanto é cérto que empregados dum govêrno civil o faziam. Este negocio não é uma incompatibilidade, é um crime gravissimo. E' tão grâve que os seus autores estivéram presos e incomunicaveis, sendo afinal entregues ao poder judicial.

. . . .

Ora isto hão-de concordar que não póde subsestir: este estado de coisas entre repartições que se correspondem e que só tem por unico objectivo o interesse, a ganancia exagerada dos empregados pouco escrupulosos.

Faça-se portanto uma limpêsa radical apuradas que sejam as responsabilidades que, no caso de agora, a cada um caibam. Tem de ser. Já que se não deu o exemplo ha mais tempo expurgando a repartição de quem era indigno de lá pôr os pés...

UM PROTESTO

—=(*)=—

Ilustre director do valente jornal o Democrata.

Muito grato lhe ficarei dando publicidade a êsse protesto que vai junto, enviado por um meu dedicado amigo, residente em Manáus, para ser publicado no *Progresso de Alquerubim*.

Como, porém, o nosso jornal suspendeu temporariamente a sua publicação, eu desejava o mais breve possivel que o conteúdo dêsse veemente protesto da colonia alquerubinense da cidade de Manáus —êssa fina *elite* da minha terra— fôsse conhecido do publico. Nele se vêem bem altivamente manifestados os mais rasgados sentimentos patrioticos, que num gesto de verdadeira independencia de caracter, vem pôr a claro tudo o que não traduz a sua vontade e o amor pelas cousas da terra que lhes serviu de berço.

De v. etc.

Alquerubim 12 | XII | 913.

Julio de Castro

Nós, não!...

Os Alquerubinenses residentes em Manáus, excétuando dois, protestam contra a noticia inserta no *Jornal de Albergaria*, de 25 de outubro, do seu correspondente em Alquerubim, relativamente á preferencia que diz dárem ao referido jornal os nossos conterraneos residentes no Brazil, por quanto se algum de nós recebeu o *Jornal de Albergaria* foi por uma simples atenção para com os que nol-o recomendáram, e o da nossa terra recebemol-o pela propria vontade do nosso *eu*, porque além de patriotas sômos bairristas, e como tais não dâmos preferencia a outrem.

Não abdicâmos dos nossos direitos, nem julgâmos o tal correspondente com envergadura moral para julgar dos nossos actos.

Nós, não!...

Manáus 23 | 11 | 913.

LIMPÊSA DOS LICEUS

—=(*)=—

Na sessão parlamentar do dia 15 do corrente, o sr. Rodrigo Fontinha chamou a atenção do sr. ministro da Instrução para o pagamento da despêsa a fazer com a limpesa dos liceus.

O sr. ministro respondeu que o trabalho não desonra ninguem, que êle já fôra servente nos laboratorios e que o pessoal menor se não póde sentir vexado com a limpêsa dos estabelecimentos em que serve.

Muito bem. Nós agora, por nossa vez, vamos tambem chamar a atenção do sr. ministro da Instrução, pondo as cartas em cima da mesa e contando o que se passa no nosso liceu, o que de certo será o mesmo que em quasi todos os outros.

V. Ex.ª sr. dr. Sousa Junior, não só como ministro da Instrução, mas além de tudo o mais como professor, tem obrigação de saber a organisação dos liceus, como êles se arrastam sob o pónto de vista higiénico e das comodidades que escasseiam na maior parte dêles.

No nosso liceu saiba V. Ex.ª que ha dois empregados menores—o continuo e o porteiro. O primeiro satisfaz; o segundo está alquebrado pela idade e inutilisado por mais de 40 anos de trabalho que o habilitam a morrer de fome no ultimo quartel da vida, pois nem aposentação tem! Estes lugares são de concurso e até francez exigem para o desempenho das suas transcendentes funções!

Vem já lá do tempo da outra *mulher*—a monarquia—o habito salutar de lavar o liceu três vezes em cada ano, para se não converter numa montureira colossal de lixo.

Este serviço éra feito por mulheres pela rasão simples de que ninguem manda um homem limpar panelas, fazer meia ou apalpar as galinhas. Agora, porém, virou-se o bico ao prégo, e apesar do excedente das receitas, o continuo Maia e José do Nascimento terão de vergar a espinha e percorrer as enormes salas do liceu, de esfregão, vassoura de piassaba e a competente joelheira, e, se não houvésse agua no edificio, como acontece em alguns, teriam de ir de cantaro e canudo ao chafariz da Praça. Além disso ficam êles ainda com o encargo de despejar e esfregar os penicos necessarios ás necessidades de 40 alunas que frequentam o liceu!

Então não é caricato, indisciplinador e vexatorio que o continuo largue a caderneta das faltas e vá mais o porteiro despejar os bacios das meninas?

Emfim, manda quem póde, mas sempre diremos que estas medidas lembram as economias do fidalgo arruinado que iniciou o côrte das despesas, deixando de usar palitos na mesa, para não fazer mos vêr a V. Ex.ª que, no programa do Partido Republicano, a instrução figurava como o problema primacial a que se não regateariam sacrificios de qualquer especie.

Sabemos, porém, que para um tal espectaculo não constituir uma vergonha para as instituições e um vexame para os desprotegidos empregados menores, alguem se prontificou a pagar a limpesa do liceu de Aveiro!

Escusadamente...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Em Esgueira

Uma das paroquias onde a luta eleitoral se travou, no dia 14 com decidido empenho, em campo franco e abertamente declarado, foi em Esgueira.

Dum lado o ex-prior da freguesia, o famigerado padre Gil, com os seus adeptos e... beatas, do outro o Centro Republicano com os seus filiados e a fé ardentissima na regeneração social empenhando-se no triunfo da sua lista, que era o triunfo da Republica.

A luta foi renhidissima, cabendo a vitória intacta e brilhante á lista republicana.

O padre Gil e as suas sagradas hostes foi um ar que lhes deu ao ouvirem os morteiros que confirmavam a derrota vergonhosa da reacção local!

Façam-se... *evolucionistas*, como os de cá, e hão-de vêr como conseguem... partidarios...

A crise comercial no Brazil

Por várias vezes já nos temos referido em cartas dos nossos solicitos correspondentes do Pará e Manáus á crise que desde longa data vem tornando cada vez mais dificil a vida comercial daquêles dois importantes Estados e consequentemente dos que teem interesses ligados ás praças, hoje tão grâvemente resentidas com a extraordinária baixa de preço porque passou a borracha no mercado.

Essas noticias, porém, longe de se desvanecerem parece que ainda mais se acentuam e que, infelizmente, não ha esperança tão cêdo duma melhoria de situação que possa trazer ao comercio do Pará e Manáus dias de desafogo como os doutr'ora ou quando isso fôsse impossivel ao menos de relativas prosperidades dónde resulte o completo desaparecimento do atual estado de coisas.

Para que os leitores possam avaliar do que é a crise do Amazonas, basta que atentem no que de ali dizem pessoas autorisadas que nos escrevem nos seguintes termos:

Enquanto as paixões politicas vão empolgando os homens, absorvendo todos os espiritos, preparando uma situação moral como talvez de outra não reze a historia brazileira, e que já se traduz por um mal estar que vae assustando todas as camadas sociaes, outras novas crises se aproximam, crises de extraordinaria gravidade e de consequencias verdadeiramente desastrosas:—é a crise da borracha e a crise do café.

Ambos estes productos, um em S. Paulo, outro no Amazonas, se têm desvalorisado a ponto tal que causa gravissimos receios. Em maior ou menor escala, sofrem todos os habitantes dêste país, destinado pela natureza a ter um futuro assombroso, mas desviado do seu caminho de gloria pelos desagregamentos da administração publica.

Vejâmos como é justificavel a situação embaraçosa em que se encontra o comercio da Amazonia.

Em fins de 1909 até 1910, o preço da borracha atingiu o elevadissimo custo de 17$000 reis por kilo; em 1911 éla começa baixando tão extraordinariamente que os comerciantes, cheios de pavor, lembram-se de organisar vários *trusts*, na esperança de que assim fariam um obstaculo á carreira desordenada da baixa; mas tudo foi infrutifero.

A crise da baixa avança sempre com toda a sua côrte de desgraças até ficar reduzida ao miseravel preço de 3$000 e 4$000 reis por kilo.

Ora, levados pelas circunstancias a uma situação tão pouco invejavel, é justo que nas minhas noticias informe os meus compatriotas e lhes diga todas as verdades. Se se trata dos seus interesses, porque os não hei-de informar das vicissitudes porque estamos passando?

Se nós sofremas, porque havemos de consentir que outros menos resignados, menos encorajados e menos habituados aos revezes da sorte, venham compartilhar dos nossos males?! E' preciso que bem longe dêste Amazonas se saiba que presentemente é um verdadeiro absurdo a emigração pàra as regiões productoras da borracha.

E' preciso que os meus compatriotas tenham calma e saibam esperar uma época de riquezas, e então, se hoje aqui os aviso de que não devem deixar os seus lares, a sua terra natal, aqui direi tambem que será chegado o momento de virem tentar a sorte.

E' necessario que se saiba que algumas centenas de nossos compatriotas, pertencendo a todas as classes sociaes, aqui vivem arrastando uma vida de miserias que sería bem mais amarga se na nossa alma não existisse aquéla resignação tão caracteristica da nossa raça.

Por sua vez, fala outro nosso compatriota:

Poucos dias decorreram sobre um espetaculo desolador de tristesa e de miseria, a que me foi dado assistir, cheio de magua, o coração anavalhado, todo o meu sêr confrangido num estremecimento de piedade.

Chegára um transatlantico da *Booth*.

E logo o seu arcaboiço negro e enlameado começou a despejar da 3.ª classe, numa deféção porca e imunda centenas de almas nossas patricias em corpos robustos e rosados.

Eram velhos, moços e creanças.

Que vêm fazer cá? Qual a sorte que os espera? Porventura, a efectividade, a realisação da miragem venturosa que sonharam? O enriquecimento, a fortuna, ou pelo menos, um relativo conforto garantido por um modesto peculio?

Portuguêses!... Portuguêses!...

Hemos de ser eternamente os eternos aventureiros, os eternos sonhadores.

Em nossa Patria escasseiam os braços. Lá não morreriamos de fome nem doentes á mingoa de remedios. Com meio escudo ganho honradamente do nâscer ao pôr do sol teriamos a subsistencia nossa e dos nossos, assegurada. Não ficariamos ricos? Decerto. Mas, tambom, não ficariamos sujeitos ao precalço da miseria e da morte.

Portuguêses!... Portuguêses!...

Que vindes cá fazer?

Não soubéstes vós, lá do outro lado do Oceano, que alguns milhares de nossos irmãos, andam por aí aos baldões do fado, como párias, como vagabundos sem eira nem beira? Não vos disséram que não terieis trabalho para as vossas mãos honradas e que, se o encontrasseis, não vos pagariam o vosso honesto labor, o suor do vosso rosto porque não circula dinheiro?

Disséram, sim!

Desgraçadamente não acreditastes.

—Ide ao hospital da Beneficente Portuguêsa. Contae os doentes. Quantos são?—Meia duzia. E' porque não ha doentes? Não!—E' porque os nossos compatriotas enfermos não têm recursos para ali dar ingresso e porque já não encontram quem dêles possa ser fiador: uns por já não merecerem confiança, outros por já estarem esgotados de pagar tantas contas de fianças, á Beneficente.

O que se segue originado de tão lamentavel quanto terrivel estado de coisas?

E' do conhecimento publico a procissão interminavel de portuguêses a mendigar uma esportula para enganar o estomago com uma migalha de pão, as centenas de subscrições para o custeio de passagem áquêles que pretendem repatriar-se, as centenas de petições que recebe a *Lusitania Repatriadora*, implorando meios para a volta ao patrio lar e, emfim, todo um estendal de miserias e provações cruentas.

Portuguêses!... Portuguêses!...

Porque não ficastes em vossas aldeias, risonhas, fartas e saudaveis, embora pobres e humildes?

Triste, bem triste é este quadro que todos dévem fixar, principalmente os que pensam ir buscar ao Brazil fortuna no momentô em que as dificuldades são como nol-as apresentam os que lá sofrem os horrores da crise que tão dificil está tornando a vida da grande nação sul americana.

* * *

Depois de composto o que aí fica, chega-nos mais a seguinte comunicação em reforço das nossas palavras e que oferecemos aos que pensam abandonar a terra em busca de fortuna:

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro

A crise economica com que o Brazil vem lutando de ha longos mêses tende a agravar-se dia a dia, vendo-se muita gente sem trabalho, principalmente operarios e empregados de comercio.

Teem aberto falencia algumas casas comerciais que éram consideradas como solidas, o que tem causado surpresas.

A situação de milhares dos nossos patricios e

principalmente dos que teem chegado ultimamente é devéras penosa. Muitos se teem dirigido ao nosso embaixador, pedindo uns que lhes arranje colocação, outros para serem repatriados.

O sr. dr. Bernardino Machado a muitos tem atendido, não o podendo, porém, fazer a todos. A corrente emigratoria portuguêsa vem agravar a crise, sendo, por isso, urgente e até mesmo patriotico fazer vêr aos que de aí querem partir que cometem um erro. O Brazil tem grandes recursos e a sua hospitalidade é inexcedivel, mas a verdade é que, no momento atual, não ha onde empregar tanta gente.

A caçar é caçado

Respondeu no tribunal désta comarca Manuel Bernardo Moreira Junior, o *Réca*, negociante de S. Bernardo, por ter transgredido a lei da caça andando no exercicio désta sem as respectivas licenças.

Tendo sido levantado o competente auto pela comissão venatoria concelhia de Aveiro, o transgressor não quiz pagar voluntariamente a multa, que era relativamente pequena e por isso foi enviado ao poder judicial onde recebeu, como premio da transgressão, três dias de multa, sêlos e custas, no total de 26$99.

Será conveniente que para o futuro os devotos de S. Umberto cumpram a lei, pois que o patrono de pouco lhes poderá valer.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
21	LUZ
28	RIBEIRO

NOTAS DA CARTEIRA

Estivéram nésta cidade os nossos amigos srs. dr. Abilio Marqaes e Albino Paralta Estrela, da Costa do Valado; dr. Samuel Maia e José Guerra, de Ilhavo; dr. Lopes de Oliveira, de Azemeis; Francisco da Cunha e Silva, do Couto de Cucujães e Ventura Simões Aidos, industrial em Agueda.

= Com sua familia acha-se em Lisboa a passar o inverno, o sr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva, velho republicano.

= Chegou a S. João de Loure o sr. Joaquim Dias de Mélo.

= Regressou da capital o tenente farmaceutico do Ultramar, Raul Ferreira Vidal, que ora se encontra a passar alguns dias com sua velha mãe no concelho de Estarreja.

O colégio de Nossa Senhora da Conceição, désta cidade, na exposição de trabalhos do Suplemento de Modas e Bordados, do "Seculo,, em Lisboa

As alunas desta consideraaa casa de educação e instrucção a que, por mais duma vez nos temos referido, acabam de alcançar em Lisboa, na exposição de trabalhos realisada nas salas da *Ilustração Portuguêsa*, por iniciativa do *Suplemento de Modas e Bordados*, do *Seculo*, um primeiro, terceiro, quarto e quinto prémios, e duas menções honrosas.

Felicitando as distintas professoras do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, de Aveiro, sentimo-nos regosijados pelas referencias que ao mesmo instituto temos feito, pois os prémios agora referidos tornam bem evidente que os nossos encómios não eram imerecidos.

Liquidação...

O puritano Machado Santos consentindo no desempenho do degradante papel de *gato morto* com que a não menos puritana oposição evolucionista dêle se servia no Congresso pretendendo atiral-o ao govêrno a proposito dos *grandes crimes* que a atual situação tem cometido, acabou por cheirar mal ás suas proprias pituitárias e resolveu miar uma interpelação a fingir de entendido em debates politicos... o pobre aleijadinho.

Mas numa resposta com que o grande tribuno, dr. Alexandre Braga, entendeu rebater diversos argumentos oposicionistas, foi o heroe a 3.600 escudos por ano mimoseado com a seguinte fatia... dourada:

Vai findar, diz Alexandre Braga, porque o debate não vale um grande esforço, mas, antes de o fazer, quizéra, á bôa paz, e numa intenção verdadeiramente desinteressada e amiga, dirigir um util conselho ao sr. Machado Santos:

—Creia que vai ouvir um homem que foi sempre generoso e bom, um homem que por muito ter amado e sofrido só sabe esquecer e perdoar. Mas entende o orador que é tempo, e bem tempo de acabar com um deploravel equivoco em que o sr. Machado Santos se tem deixado adormecer; é bem tempo de rasgar o véu da ilusão que o tem levado a pensar poder assumir dentro da vida publica um papel que não lhe cabe, e que não lhe será reconhecido jámais, pela simples razão de que o senhor não tem qualidades, nem valor intelectual, nem talento, nem envergadura para o poder representar. Ouça s. ex.ª as palavras dêle, orador, e se pudér compreende-las ter-lhes-ha prestado um altissimo serviço, o unico serviço, talvez, que ainda se lhe póde prestar, qual é o de salvar-lhe, para o amor e para o respeito dos vindouros, os restos esfrangalhados daquéla gloria que o destino quiz conceder-lhe na hora afortunada de 5 de outubro, e que o senhor tem desbaratado tão desastrada e antipatrioticamente. Bem sabe, o orador, que os seus falsos amigos, os seus perfidos conselheiros, os seus detestaveis defensores, hão-de verberar em todos os tons de hipocrisia as suas palavras, e que, falando mais uma vez á sua vaidade, que uma vez mais se deixará lograr, hão-de proclamál-o o heroe intangivel, convencendo-o de que a gloria da patria continua de fulgir, exclusivamente, na lamina da sua espada de marinheiro, exatamente como fulgiu, em 5 de outubro, nas divisas da sua farda de comissario.

Mas creia que é êle, orador, quem lhe fala a verdade, e que todos os incentivos criminosos, todas as lisonjas perfidas que o teem desnorteado, são obra de insidia e de mentira, de embuste e de hipocrisia, absolutamente indignas de que o senhor as escute, porque êlas só visam a transformar uma figura, que poderia ser de suprema puresa e de suprema formosura, no vulto caricato de um Napoleão de entremês, fechando, dentro de botas de cano da Gran-Duquesa, o faceto e caserneiro conceito de que a Patria e os seus destinos estão escondidos nos coldres das suas pistolas de papelão. Não, sr. Machado Santos:—o sr. conquistou em 5 de outubro, ninguem lho nega, uma hora de gloria soberba; mas não se persuada, porque isso lhe daria as peores desilusões e o arrastaria aos mais humilhantes desastres, de que a conquista do nome de heroe lhe concede apenas direitos; lembre-se, sobretudo, de que êla lhe impõe exigentissimos deveres. Para que o heroe de um instante tenha direito á gratidão da Patria, é preciso que êle não esqueça o seu passado e a sua gloria, e que a Patria, para lhe dar amor e respeito, não haja de se amesquinhar e aviltar. O sr. Machado Santos parece arredado déstas ideias e desde o 5 de Outubro dir-se-ia que só tem tratado de destruir-se, apedrejando a sua propria gloria.

Vozes—Muito bem.

O orador:—Tenha v. ex.ª a coragem de olhar para dentro de si proprio. Veja-se tal qual é, heroe de um dia, deixando a altissima gloria que bastasse a satisfazer-lhe todas as aspirações do espirito e todos os anelos da alma; mas não pense que a gloria de 5 de Outubro teve o feitiço poder de transmitir-lhe a propria essencia, emprestando-lhe faculdades que não tem, tornando-o poeta, orador, estadista, homem de letras, jornalista, financeiro, politico, legislador, jurisconsulto, emfim, tudo, tudo quanto a sua morbida vaidade lhe segreda que póde ser.

Toda a gloria da Rotunda não fará jámais esquecer o Rosalino dos seus versos á Republica, aqueles abominaveis versos que o senhor teve a heroicidade de publicar. Nós poderemos, talvez, perdoar-lhos, mas a arte e a poesia, que são duas senhoras imortaes e nada condescendentes, não deixarão de apontal-os, por todos os seculos, á irrisão da Humanidade, ensinando aos vindouros que, para se ser poeta, mesmo mau, não basta ser-se heroe. A aureola da sua heroicidade não apagará jámais o jornalista nefasto que, molhando a sua penna no fel da inveja, sem grandêsa, sem nobrêsa, sem talento e sem gramatica, escreveu os funestos e chibroes artigos do infimo papel que o rapazio, sempre justo nas suas alcunhas, apregoa, para a venda, com o sugestivo titulo do *Intruja-a-gente!*

E o orador, num empolgante repto oratorio, conclue, assim, o seu brilhantissimo discurso:

—A gloria é fragil, sr. Machado Santos; feita de friavel argila e quebradiço barro, as suas criações são, em muitos lances, momentaneas, efemeras, fugazes. Ainda bem não fixamos, ás vezes, o esplendor de uma cabeça olimpica, radiando, nas cintilações ofuscantes do sol, o ouro fulgido da sua aureola, e já ela se enovela e confunde na lama, apagada e irreconhecivel, na nauseante promiscuidade dos trapos e dos dejectos. Glorias maiores que a sua se teem desonrado. A sua modestia ha de permitir-me que eu julgue um pouco maior que o senhor aquele genio esmagador e ciclopico, aquele espirito assombroso e titanico que se imortalisou na Historia com o nome de Napoleão Bonaparte. Se o senhor foi o heroe da Rotunda, ele passeou a sua gloria desde as fronteiras ardentes da Asia até ás *steppes* geladas da Russia; venceu os Alpes, dominou os desertos sólidos do Egito, ombreou com a magestade das Piramides, libertou a Italia, matou Nelson, levou a palavra de liberdade a toda a patria, e, grande e soberbo, ainda na derrota foi necessário, para subvertel-o, depois do cataclismo de Waterloo, o grandioso, purificante e deshumano infortunio de Santa Helena. Se o senhor é o orador, que, por cérto, se conhece, ele foi o espirito singular em que déram *rendez-vous* numa consubstanciação sem par, a eloquencia de Demostenes, de Cicero e de Julio Cesar, para escreverem, conjugadas, aquelas imortaes modelos de imortal eloquencia, que se chamaram as suas Proclamações ao Exercito. (*Muitos apoiados*).

Se o senhor é o jurisconsulto, o legislador que apresentou a esta câmara o projecto de Constituição que todos conhecemos, ele foi o admiravel e o criador daquele estupendo monumento juridico que se chama Codigo Civil Francês. Se o senhor tem meia duzia de desconhecidos a bajulál-o, ele foi um semi-deus, dominando o mundo, dispondo, a seu talante e seu sabor, da admiração avassalada dos homens e do amor subjugador das mulheres. Semeador da arte, criador da belêsa, gerador de nacionalidades e de povos, improvisador de reis, a sombra gigantesca da sua gloria hade projectar-se, para a admiração assombrada dos homens, por toda a eternidade de seculos, emquanto humanidade existir. E apesar de tudo isto, o heroe de Arcola e Rivoli, o heroe de Zema, de Wogram, de Austerlitz, não fará jámais esquecer o traidor e o bandido do golpe de Estado. O sr. Machado Santos, felizmente para a Republica, é um Napoleãosote reduzido—por mais que se alce nos seus pés de barro, as suas mãos nunca poderão chegar-lhe á garganta para a estrangular. Mas medite bem as minhas palavras e convença-se de que a heroicidade de ontem não foi jámais incompativel com a infamia e com a desonra de ámanhã.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Oferece-se um caixeiro com prática de mercearia, ferragens, tintas, fazendas brancas, etc., etc.

Ainda está empregado e dá fiador.

Carta á redacção com as iniciaes A. B. C.

PADARIA MACHEDO
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas. Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Anuncios

Éditos de 10 dias

(1.ª PUBLICAÇAO)

Por este Juizo e cartorio do 4.º oficio, nos autos de execução hipotecaria, hoje correndo como execução comum, que Fernando Augusto da Naia, solteiro, da Gafanha, move contra Manuel Marques de Miranda Nero e mulher, do Paço de Esgueira, todos proprietarios, correm éditos de dez dias a contar da segunda publicação déste no respectivo jornal, citando os crédores incertos que pretenderem deduzir preferencias ao dinheiro penhorado na execução, para que o façam até ao decimo dia depois de findar o prazo dos éditos, nos termos dos artigos 931 e 932 § 1.º do Codigo do Processo Civil, sob pena de revelia.

A quantia penhorada é a seguinte: Setenta e cinco escudos, a saír do deposito n.º 14:825, efectuado na Caixa Geral de Depositos, pela sua Delegação nésta cidade, em 14 de novembro de 1912, por Manuel Marques da Cunha Junior e outros, e respeitante á execução hipotecaria atraz referida, como tudo consta do conhecimento junto a folhas 182 da citada execução.

Aveiro, 5 de Dezembro de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo

VENDA DE PROPRIEDADES

Manuel dos Reis, morador na rua de S. Bartolomeu, désta cidade, está encarregado de promover a venda dum magnifico predio de 3 andares e lojas, com frente para as ruas dos Mercadores e de José Estevam e bem assim de dois palheiros na praia de S. Jacinto, o que tudo póde ser visto e tratado com o cidadão a qualquer hora do dia.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de Janeiro proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 19 de Dezembro de 1913.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica*.—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

Loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

1.º premio 240:000$00
2.º premio 3:0000$00

EXTRAÇÃO A 24 DE DEZEMBRO DE 1913

Bilhetes a 100$00.
Quadragesimo a 2$50.

A Tesouraria da Misericordia encarrega-se de remeter todos os pedidos de bilhetes ou de suas frações para a provincia quando acompanhadas da respectiva importancia e mais 7 centavos e meio para o porte e registo do correio.

O nome e residencia em caracteres bem legiveis.

As importancias a remeter ao **Tesoureiro da Misericordia** podem ser em notas, vales, cheques, ordens postais ou valores de facil cobrança, de maneira segura a evitar extravios.

Aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros abona-se a comissão de 3 por cento.

Remetem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 10 de outubro de 1913.

O thesoureiro

J. de Avellar Telles.

Sabão de todas as qualidades

EMPREZA FABRIL E COMERCIAL, LIMITADA

(Saboaria a vapor)

Vila Nova de Gaya

RUA SOARES DOS REIS N.º 328

TELEFONE N.º 419—ENDEREÇO TELEGRAFICO—**Saponaria**—*PORTO*

Esta Fabrica vende para a Provincia a todos os revendedores

O NOSSO SABÃO E SEMPRE PREFERIDO

Ajudante de farmacia

Precisa-se de um ajudante para a farmacia da Misericordia da Figueira da Foz que tenha, pelo menos, quatro anos de bôa prática e dê bôas referencias, ao qual se darão 15 a 18 escudos por mez, quarto, cama e roupa lavada.

O Provedor

Afonso Ernesto de Barros

(Visconde da Marinha Grande)

ALBINO PERALTA ESTRELA

Negociante de cobertores, queijo, castanhas, nóses e painço. Fornecedor de bacélos americânos das melhores qualidades. Enchertos e barbádos, garantidos.

Preços sem competencia

COSTA DO VALADO

AOS CAPITALISTAS

Vende-se um predio e quintal com bôa ramáda, agua e casas de arrumações para gado etc. Esta casa é de construcção antiga, mas sólida e em muito bom estado de conservação, tendo réz do chão e 1.º andar com bastantes divisões e bôas, sendo este predio num dos melhores sitios de Eixo, á beira da estrada principal. Quem desejar póde dirigir-se a João Gomes Soares, em Alquerubim, que dá os esclarecimentos necessários visto para isso estar autorisado.

Motores "Gnome,,

Os melhores motores para barcos.

Fornecem-se todos os acessórios.

Pódem vêr-se a funcionar em Aveiro ou Lisboa.

Todos os esclarecimentos prestam os representantes:

M. Ferreira & C.ta

R. de S. Nicolau, 12, 1.º e 2.º

LISBOA